

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2024-06-11

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Monteiro, L., Silva, C. S., Ramos, C. & Camilo, C. (2023). O papel do suporte social nas relações entre competência parental e estilos parentais de mães e pais com crianças em idade pré-escolar. In Eunice Magalhães, Lígia Monteiro, Maria Manuela Calheiros (Ed.), *Crianças em risco e perigo: Contextos, investigação e intervenção*. (pp. 17-40).: Sílabo.

Further information on publisher's website:

<https://www.almedina.net/criancas-em-risco-e-perigo-vol-6-contextos-investigacao-e-intervencao-1682072477.html>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Monteiro, L., Silva, C. S., Ramos, C. & Camilo, C. (2023). O papel do suporte social nas relações entre competência parental e estilos parentais de mães e pais com crianças em idade pré-escolar. In Eunice Magalhães, Lígia Monteiro, Maria Manuela Calheiros (Ed.), *Crianças em risco e perigo: Contextos, investigação e intervenção*. (pp. 17-40).: Sílabo.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

O papel do suporte social nas relações entre eficácia, satisfação parental e estilos parentais de mães e pais com crianças em idade pré-escolar

Lígia Monteiro¹

Instituto Universitário de Lisboa (Iscte), CIS-Iscte, Lisboa, Portugal

Carla Silva

Instituto Universitário de Lisboa (Iscte), CIS-Iscte, Lisboa, Portugal

Afiliação atual: CICPSI, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa,
Portugal

Cláudia Ramos

Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Crianças e Jovens em Risco, CIS-
Iscte, Lisboa, Portugal

Cláudia Camilo

CICPSI, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal

¹ Todas as questões relativas ao presente trabalho devem ser enviadas para Ligia.Monteiro@iscte-iul.pt

Resumo

O presente estudo visou contribuir para um olhar sobre a parentalidade, além da típica análise centrada na mãe, incluindo na sua amostra o pai. Estudaram-se as relações entre a percepção de eficácia e satisfação parental, e os estilos de parentalidade, testando o papel moderador da satisfação com o suporte social. Participaram 371 mães e 279 pais (famílias nucleares), com crianças em idade pré-escolar. Para as mães, os resultados indicam o papel moderador significativo do suporte social (satisfação com os amigos e intimidade) na associação entre a satisfação parental e o estilo autoritativo. Para os pais, o papel moderador do suporte social (satisfação com os amigos) é significativo na associação entre eficácia parental e estilo autoritativo. Tanto para a mãe, como para o pai, verificou-se, ainda, que a maior percepção de eficácia parental está associada a níveis mais elevados de um estilo autoritativo, enquanto uma maior satisfação parental se encontra associada a níveis mais baixos de um estilo autoritário. Os resultados obtidos contribuem para informar o trabalho com mães e pais, baseado na evidência, considerando diferentes níveis de recursos com impacto numa parentalidade ajustada.

Palavras-Chave: Mães e Pais, Estilos Parentais, Eficácia e Satisfação Parental, Suporte Social.

1. Introdução

Apesar de um aumento progressivo do envolvimento do pai no domínio familiar, em particular, nos cuidados e educação da criança, e de um crescente interesse sobre o seu impacto no desenvolvimento infantil, o foco da literatura sobre a parentalidade tem-se centrado, essencialmente, na mãe (e.g., Cabrera et al., 2018). Nas últimas décadas, os comportamentos, emoções e cognições maternos têm sido extensivamente analisados, com a investigação que se centra no pai, ou o incluiu nas suas amostras, a ser comparativamente mais limitada e menos compreensiva. O presente estudo procura contribuir para reduzir esta lacuna, incluindo na sua amostra não só a mãe, mas também o pai, e a sua visão sobre a parentalidade. Tem-se como objetivo analisar variáveis explicativas e fatores protetores da qualidade da parentalidade, nomeadamente, dos estilos parentais, dado a literatura indicar, de modo consistente, a sua importância para um desenvolvimento (des)ajustado de crianças e adolescentes (ver Pinquart, 2016; 2017a; 2017b).

A parentalidade é considerada uma das tarefas mais complexas e desafiadoras, do ponto de vista cognitivo, emocional e físico, e de maior investimento continuado ao longo do tempo, para a maioria dos adultos (Coleman & Karraker, 1997). Um dos modelos mais utilizados na sua análise é o modelo de Belsky (1984), que considera a influência de diferentes tipos de determinantes, tais como, as: i) características individuais, consideradas recursos pessoais e psicológicos dos pais, como o seu bem-estar psicológico e as perceções que têm relativas ao seu papel parental; ii) variáveis contextuais, consideradas como fontes de stress ou suporte, nomeadamente a relação conjugal, o suporte social e o trabalho; e iii) características da criança, por exemplo, o seu temperamento. A interação dinâmica e complexa destes múltiplos determinantes resulta em diferenças ao nível da qualidade das práticas e comportamentos parentais e,

consequentemente, no exercício de uma parentalidade mais positiva e ajustada, ou não, com consequências distintas para o desenvolvimento da criança.

1.1. Estilos Parentais

Uma possível abordagem à qualidade da parentalidade são os estilos parentais, definidos como um conjunto de atitudes relativas à criança que lhe são transmitidas através dos comportamentos parentais, e que criam um clima emocional no qual ocorrem as interações (Darling & Steinberg, 1993). A tipologia clássica, proposta por Baumrind (1966, 1967, 1971), identifica três estilos. O autoritativo é caracterizado pela elevada responsividade e suporte às necessidades da criança, assim como pela elevada exigência, a partir de uma definição clara de regras e limites; não obstante, os cuidadores têm respeito pela individualidade da criança e consideram a sua perspetiva. Este estilo está associado a uma parentalidade mais competente e adequada, resultante do foco nas necessidades e competências da criança (em cada fase do seu desenvolvimento), e na bidirecionalidade da parentalidade. O estilo autoritário é definido por elevada exigência e baixa responsividade às necessidades da criança. Estes pais expressam baixo suporte, são críticos e rígidos, e tendem a valorizar a disciplina e a obediência da criança, podendo utilizar medidas coercivas e punitivas, de modo a exercerem controlo sobre o seu comportamento. O estilo permissivo é caracterizado pelo afeto e responsividade às necessidades da criança e, simultaneamente, pela baixa definição de regras, limites e de controlo das suas atividades, resultando, assim, em baixos níveis de monitorização e de exigência.

Numa revisão de literatura, Yaffe (2020) indica que as mães tendem a apresentar valores mais elevados, do que os pais, no estilo autoritativo, e que os pais apresentam valores mais elevados no autoritário, sendo fracas as evidências que apontam para diferenças no estilo permissivo. Estudos com amostras portuguesas (e.g., Monteiro et al.,

2017; Pedro et al., 2015) indicam que ambos os cuidadores se percebem como mais autoritativos, do que permissivos ou autoritários e que, comparativamente, as mães apresentam valores mais elevados no estilo autoritativo, não existindo diferenças nos restantes estilos parentais (Pedro et al., 2015).

1.2. Competência Parental: Autoeficácia e Satisfação Parental

Considerando os determinantes individuais da parentalidade, Belsky (1984) sugere que as percepções e expectativas das figuras parentais acerca das suas competências, enquanto cuidadores, influenciam diretamente a qualidade da parentalidade, e os resultados desenvolvimentais da criança. A compreensão destas experiências subjetivas relaciona-se com um bom ajustamento pessoal ao papel parental, e à utilização de práticas parentais mais eficazes e ajustadas, podendo inclusivamente funcionar como *buffer* face a condições adversas vivenciadas pelas famílias (e.g., Ardelt & Eccles, 2001; Jones & Prinz, 2005). Assim, a percepção de competência parental (operacionalizada em duas componentes distintas, mas correlacionadas) refere-se ao modo como os sujeitos avaliam a sua parentalidade, nomeadamente, as crenças e expectativas que possuem acerca da capacidade com que desempenham de forma mais ou menos eficaz o seu papel parental (de mãe e pai), i.e., autoeficácia parental, e à experiência subjetiva de afeto associado à parentalidade, e conseqüente grau de satisfação que daí resulta, i.e., satisfação parental (Johnston & Mash, 1989; Ohan et al., 2000). Enquanto a autoeficácia parental representa uma dimensão cognitiva, integrando conhecimentos sobre comportamentos parentais adequados e confiança para os implementar eficazmente (Jones & Prinz, 2005), a satisfação parental é uma dimensão afetiva que implica uma avaliação subjetiva do prazer e gratificação associados ao papel parental (Wittkowski et al., 2017).

A investigação tem demonstrado um impacto significativo da autoeficácia na qualidade da parentalidade (e.g., Coleman & Karraker, 1997; Jones & Prinz, 2005).

Quando os cuidadores se sentem mais confiantes nas suas competências parentais adotam uma parentalidade mais positiva (afetos, comportamentos, estratégias), criando um ambiente de cuidados sensíveis e responsivos, estimulante e ajustado, com consequências positivas para o bem-estar e desenvolvimento da criança (e.g., Gilmore & Cuskelly, 2008; Jones & Prinz, 2005; Sanders & Woolley, 2005). A literatura tem-se focado menos na dimensão afetiva, contudo, os estudos indicam que esta se encontra positivamente associada a um estilo de parentalidade mais “easy-going”, tolerante e de baixo conflito, em mães e pais (Ohan et al., 2000), e negativamente relacionada com práticas de disciplina disfuncionais dos cuidadores (Rogers & Mathews, 2004).

Acrescente-se que, embora alguns estudos não reportem diferenças entre a autoeficácia parental de mães e pais (Johnston & Mash, 1989; Rogers & Mathews, 2004), outros indicam que as mães apresentam valores mais elevados neste domínio (e.g., Gilmore & Cuskelly, 2008), enquanto os pais parecem reportar maior satisfação com a parentalidade (Gilmore & Cuskelly, 2008; Johnston & Mash, 1989; Rogers & Mathews, 2004).

1.3. O papel do Suporte Social

Diversos autores têm salientado o papel do suporte social (e.g., fontes de suporte, satisfação, tamanho da rede) na parentalidade, na medida em que este tanto pode prevenir, como atenuar o stress e as exigências associadas ao papel parental (e.g., Belsky, 1984; Belsky & Jafee, 2015; Östberg & Hagekull, 2000), sendo um dos fatores protetores mais importantes da negligência e abuso (Stith et al., 2009). Tal poderá ser particularmente saliente em grupos culturais que atribuam grande importância às ligações com a família e aos valores de comunidade (Taylor et al., 2015).

O suporte social, no seu global, é definido como a perceção do sujeito face à disponibilidade do suporte, caso este pretenda aceder ao mesmo, assim como pelo

sentimento de que se é valorizado pelos outros (Sarason et al., 1993). Cramer e colaboradores (1997) distinguem o suporte social percebido do suporte social recebido, com o primeiro a referir-se ao suporte que o indivíduo percebe como disponível caso necessite, e o segundo ao suporte que foi de facto recebido. Especificamente, o suporte social percebido refere-se a sentimentos subjetivos em relação aos outros e ao seu apoio prestado (Haber et al., 2007).

No modelo de Belsky (1984), o suporte social (e.g., de família e amigos) terá um efeito indireto na parentalidade através do bem-estar psicológico geral, e, em particular, da saúde mental das figuras parentais; e um efeito direto na promoção da autoeficácia parental através da oportunidade de observar e interagir com outros adultos, moldando comportamentos, e estimulando a aquisição de conhecimentos e competências importantes para o exercício da parentalidade, enquadradas pelas expectativas sociais (Love & Knott, 2018).

Diversos estudos têm vindo a indicar que quando os cuidadores percecionam maior apoio, e se encontram mais satisfeitos com o seu suporte social tendem a percecionar-se como mais competentes (e.g., Angley et al., 2015; Chang, 2017; Teti & Gelfand, 1991), e a adotar práticas parentais de maior qualidade (e.g., comportamentos mais consistentes, responsivos, afetuosos e de monitorização, e de menor hostilidade) (e.g., Lippold et al., 2017; Taylor et al., 2015). Tal verifica-se mesmo quando as mães vivenciam experiências adversas (McConnell et al., 2011). Por outro lado, a ausência ou inadequação de suporte social pode constituir-se como um fator de risco para comportamentos parentais desajustados (e.g., Belsky & Jafee, 2015; Stith et al., 2009).

As redes de suporte social dos pais tendem a ser mais reduzidas, e a incluir menos familiares, do que as redes das mães, fornecendo menos encorajamento e recursos relevantes para a parentalidade (Pleck & Masciadrelli, 2004). Segundo Summers et al.

(2004) os pais descrevem as suas mulheres/companheiras, e os próprios pais (em particular, as suas mães), como as suas principais fontes de suporte. Este apoio poderá ser central, dado o papel que a figura feminina tem no domínio familiar, nomeadamente, nos cuidados e educação da criança (e.g., Cabrera et al., 2018; Pleck & Masciadrelli, 2004).

2. Objetivos do Estudo

Considerando o impacto da qualidade da parentalidade no desenvolvimento da criança, a análise de fatores de proteção assume especial relevância, em particular, quando se alarga o foco para além da mãe. No entanto, e apesar dos progressos realizados, o pai continua sub-representado na investigação sobre a parentalidade, onde tende, muitas vezes, a ser colocado em segundo plano ou descrito sob a perspetiva materna. O presente estudo inclui assim, na sua amostra, não só mães, como também pais, e foca-se nos anos pré-escolares. Este período é marcado por enormes e rápidos ganhos desenvolvimentais (e.g., cognitivos, socio-emocionais), que colocam novos desafios às figuras parentais, relacionados com as tarefas desenvolvimentais típicas destas idades. A necessidade da crescente socialização de normas e regras, e a gestão da progressiva autonomia da criança, para além do contexto familiar (escola e pares) são alguns desses exemplos, nos quais os cuidadores necessitam de equilibrar exigência/controle e afeto/responsividade (e.g., Baumrind, 1967; Verhoeven et al., 2019). Uma parentalidade ajustada nestes anos poderá ter um papel protetor em crianças que crescem em contextos marcados pela adversidade e risco (Gutman & Feinstein, 2010).

Assim, tem-se como objetivo analisar, numa amostra de mães e pais portugueses (famílias nucleares), com crianças em idade pré-escolar, as associações entre a sua perceção de eficácia e satisfação parental (dimensão menos explorada na literatura), e os seus estilos parentais. É testado o papel moderador da satisfação com o suporte social (família, intimidade, amigos e atividades sociais), nestas relações. Deste modo são

considerados diferentes níveis de variáveis - recursos psicológicos dos cuidadores, assim como recursos contextuais - na compreensão de um dos mais importantes indicadores da qualidade da parentalidade - os estilos parentais. Os efeitos das habilitações literárias e horas de trabalho de mães e pais, assim como a idade e sexo da criança são controlados nas análises, dado o seu potencial impacto na parentalidade descrito na literatura (e.g., Cabrera et al., 2014; Hadjicharalambous & Demetriou, 2020; Jacobs & Kelley, 2006; Lugo-Gil & Tamis-LeMonda, 2008). Espera-se que uma maior perceção de eficácia e satisfação parental estejam associadas a níveis mais elevados de um estilo autoritativo e a níveis mais baixos de um estilo autoritário e permissivo, para mães e pais. Espera-se, ainda, que estas associações sejam mais fortes quanto maior a satisfação com o suporte social nas suas diferentes dimensões, em particular nas dimensões família e intimidade. Procura-se, ainda, compreender potenciais especificidades para a mãe e para o pai.

3. Método

3.1. Participantes

Participaram neste estudo 371 mães e 279 pais, de famílias nucleares (casados ou a viver em união de facto). As mães tinham idades compreendidas entre os 22 e os 51 anos ($M = 36.36$, $DP = 4.74$). Em termos das suas habilitações literárias 0.3% tinha o primeiro ciclo; 1.1% o segundo ciclo, 9.0% o terceiro ciclo, 29.6% o ensino secundário, 49.7% o ensino superior e 10.3% cursos pós-graduados ($M_{(anos\ escolaridade)} = 14.71$, $SD = 3.41$). A maioria (84.8%) encontrava-se empregada, trabalhando em média 38.36 ($SD = 6.09$) horas semanais. Relativamente aos pais, estes tinham idades entre os 19 e 68 anos ($M = 38.31$, $DP = 6.01$), dos quais 2.6% tinham o primeiro ciclo; 2.5% o segundo ciclo, 11.6% o terceiro ciclo, 41.2% o ensino secundário, 37.9% o ensino superior e 4.3% cursos pós-graduados ($M_{(anos\ escolaridade)} = 13.4$, $SD = 3.57$). A maioria (93.5%) encontrava-se empregada, trabalhando em média 40.95 ($SD = 5.67$) horas semanais. As crianças tinham

idades entre os 36 e 73 meses ($M = 55.86$, $DP = 11.81$), 47.4% eram do sexo feminino, e sem necessidades educativas especiais reportadas. Todas frequentavam o jardim-de-infância em instituições particulares de solidariedade social e instituições particulares com fins lucrativos.

3.2. Procedimento e Instrumentos

Este estudo faz parte de um projeto mais amplo sobre as implicações do envolvimento do pai no desenvolvimento socioemocional da criança, tendo sido realizado de acordo com as normas éticas da *American Psychological Association*, da Ordem dos Psicólogos Portugueses, e aprovado pela Comissão de Ética do Iscte - Instituto Universitário de Lisboa (referência: 27/2018). Os participantes foram recrutados a partir das escolas frequentadas pelos seus filhos/as (antes do início da pandemia por Covid-19), e informados dos principais objetivos e procedimentos, tendo assinado um consentimento informado antes de qualquer recolha de informação/dados. Ambos os pais responderam aos questionários considerando apenas uma criança por família. No caso da existência de mais do que uma criança em idade pré-escolar, foi pedido aos pais que respondessem a pensar na criança mais velha.

3.2.1. Caracterização Sociodemográfica

O questionário sociodemográfico permitiu recolher informação sobre o estado civil, idade, habilitações literárias, situação profissional de mãe e pai, assim como informação relativa à criança, nomeadamente, a sua idade e sexo.

3.2.2. Estilos Parentais

O Questionário de Estilos e Dimensões da Parentalidade (Parenting Styles and Dimensions Questionnaire, Robinson et al., 2001), é um dos questionários mais frequentemente utilizados no estudo dos estilos parentais (e.g., Pinquart & Kauser, 2018; Yaffe, 2020). É constituído por 32 itens que remetem para os três estilos clássicos (e as

práticas parentais que os constituem) identificados por Baumrind. A versão portuguesa utilizada (Pedro et al., 2015) mantém a estrutura fatorial original (embora os índices de modificação tenham indicado a saturação de alguns itens em subescalas diferentes das do instrumento original): Estilo autoritativo (18 itens - e.g., “Sou sensível às necessidades e sentimentos do meu filho”); Estilo autoritário (10 itens - e.g., “Castigo fisicamente o meu filho para o disciplinar”); e Estilo permissivo (4 itens - e.g., “Cedo quando o meu filho faz birras”). Os itens foram avaliados numa escala de 5 pontos, entre 1 = nunca e 5 = sempre. Pontuações mais elevadas em cada domínio indicam um maior recurso ao estilo parental correspondente. As versões mãe e pai são idênticas com a exceção das palavras mãe/pai. Os alfas de *Cronbach* para os estilos autoritativo e autoritário foram respetivamente de .79 e .69 para as mães, e ambos de .78 para os pais. Dado os alfas relativos ao estilo permissivo não terem atingido valores considerados aceitáveis para ambas as figuras parentais (< .60), optou-se por não se usar esta dimensão nas análises.

3.2.3. Competência Parental - Eficácia e Satisfação Parental

A escala de Sentimento de Competência Parental (Parental Sense of Competence, Johnston & Mash, 1989) é um instrumento amplamente utilizado na literatura (Gilmore & Cuskelly, 2008; Jones & Prinz, 2005), sendo constituída por 17 itens, que avaliam a autoperceção de competência parental, enquanto domínio geral, considerando duas dimensões: a satisfação e eficácia parental. Neste estudo foi utilizada a versão traduzida e adaptada por Ferreira et al. (2011), que identificou uma estrutura de três fatores: satisfação, eficácia, e interesse parental (15 itens). Dado os objetivos do presente estudo, apenas foram utilizadas as dimensões de: Satisfação (5 itens - e.g., “Ser mãe faz-me sentir tensa e ansiosa./Ser pai faz-me sentir tenso e ansioso.”); e Eficácia (7 itens - e.g., “Se há alguém que consegue perceber quando algo não está bem com o meu filho/a, sou eu.”). As figuras parentais indicam o seu nível de concordância com as afirmações numa escala

de 6 pontos, entre 1 = concordo fortemente e 6 = discordo fortemente. Sete dos itens são invertidos, pelo que valores mais elevados indicam maior perceção de eficácia e satisfação parental. As versões mãe e pai são idênticas com a exceção das palavras mãe/pai. Os alfas de *Cronbach* nas dimensões satisfação e eficácia foram ambos de .71 para as mães, e de .73 e .72 para os pais.

3.2.4. Satisfação com o Suporte Social

A Escala de Satisfação com o Suporte Social (Pais-Ribeiro, 1999, 2011) analisa a perceção de satisfação do indivíduo com o suporte social existente, descrita como uma dimensão fundamental nos processos cognitivos e emocionais ligados ao bem-estar e à qualidade de vida do indivíduo. A escala é composta por 15 itens que remetem para quatro dimensões que analisam diversos aspetos do suporte social: Satisfação com amigos, (5 itens - e.g., “Os amigos não me procuram tantas vezes quantas eu gostaria”); Intimidade (4 itens - e.g., “Às vezes sinto falta de alguém verdadeiramente íntimo que me compreenda e com quem possa desabafar sobre coisas íntimas”); Satisfação com a família (3 itens - e.g., “Estou satisfeito/a com a forma como me relaciono com a minha família”); e Atividades sociais (3 itens - e.g., “Não saio com amigos tantas vezes quantas gostaria”). Os itens são respondidos numa escala de concordância de 5 pontos, que varia entre o concordo totalmente e o discordo totalmente. Valores mais elevados correspondem a uma satisfação mais elevada com o suporte social nas diferentes dimensões. Os alfas de *Cronbach* para a satisfação com os amigos, intimidade, satisfação com a família, e atividades sociais foram, respetivamente, de .71, .60, .65 e .80 para as mães, e de .74, .62, .63 e .81 para os pais. Apesar dos valores mais baixos na intimidade e satisfação com a família, quer para a mãe, quer para o pai, todas as dimensões atingem valores considerados satisfatórios (Nunally & Bernstein, 1994; Pallant, 2020), pelo que foram incluídas nas análises.

3.3. Plano de Análises

Inicialmente foram realizadas estatísticas descritivas e a análise de correlações bivariadas entre as variáveis em estudo para a mãe e para o pai. As dimensões da percepção de competência parental, de satisfação com o suporte social, e dos estilos parentais são variáveis compósitas criadas a partir da média aritmética das pontuações obtidas nos diferentes itens que as constituem. De seguida, foi analisado para cada figura parental o papel moderador de cada dimensão da satisfação com o suporte social (amigos, intimidade, família, e atividades sociais), nas associações entre a percepção de satisfação e eficácia parental e os estilos autoritativo e autoritário, controlando-se os potenciais efeitos da idade e sexo da criança, assim como da escolaridade e horas de trabalho de mãe e pai. As análises de moderação foram realizadas com recurso à macro PROCESS para SPSS (Hayes, 2017), especificamente através do Modelo 1. Nestas análises, quer o preditor focal, quer o moderador foram previamente centrados na média. Apenas os modelos que revelaram efeitos de moderação significativos são apresentados na totalidade. Relativamente aos modelos que não revelaram efeitos de moderação significativos, apenas são apresentadas as estimativas significativas obtidas. Refira-se que, em alguns modelos, estas estimativas variam ligeiramente consoante a variável moderadora incluída, pelo que, nesses casos, são apresentados os diferentes valores obtidos.

4. Resultados

4.1. Estatísticas descritivas e correlações bivariadas

Os valores da média, desvio-padrão e das correlações entre as variáveis incluídas nas análises são apresentados nos Quadros 1 e 2. Verifica-se que para as mães (Quadro 1), a idade da criança está positivamente correlacionada com a satisfação parental. As habilitações literárias maternas (anos de educação) estão positivamente correlacionadas

com o número de horas de trabalho (semanais), satisfação parental e estilo autoritativo, e negativamente correlacionadas com o estilo autoritário. A satisfação e eficácia parental estão positivamente correlacionadas uma com a outra, com todas as dimensões da satisfação com o suporte social, e com o estilo autoritativo, e negativamente correlacionadas com o estilo autoritário. Todas as dimensões de satisfação com o suporte social estão positivamente inter-relacionadas. A satisfação com os amigos, atividades sociais e intimidade estão negativamente correlacionadas com o estilo autoritário, e positivamente correlacionadas com o autoritativo. Por fim, os estilos autoritativo e autoritário estão negativamente correlacionados.

Para os pais (Quadro 2), as suas habilitações literárias (anos de educação) estão positivamente correlacionadas com o número de horas de trabalho (semanais), e com a satisfação parental, mas negativamente correlacionadas com a eficácia parental. Há uma correlação positiva, embora fraca, entre as horas de trabalho e a intimidade. A satisfação e eficácia parental estão positivamente correlacionadas uma com a outra e com o estilo autoritativo, e negativamente correlacionadas com o estilo autoritário. A satisfação parental está positivamente correlacionada com todas as dimensões de satisfação com o suporte social, enquanto a eficácia parental está positivamente correlacionada com a satisfação com os amigos, família e atividades sociais. Todas as dimensões do suporte social estão positivamente inter-relacionadas. A satisfação com os amigos e com a família estão positivamente correlacionadas com o estilo autoritativo; enquanto a satisfação com os amigos e a intimidade estão negativamente correlacionadas com o estilo autoritário. O estilo autoritativo e autoritário estão, também, negativamente correlacionados. Por fim, obteve-se uma correlação negativa entre o sexo da criança e a satisfação com as atividades sociais, indicando que esta é menor quando a criança-alvo é rapaz.

Quadro 1. Estatísticas e correlações bivariadas entre as variáveis analisadas para a mãe (N = 371).

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1. Sexo/criança (1 = rapariga)	–											
2. Idade da criança (meses)	–	–										
3. Habilitações (anos)	.04	-.00	–									
4. Horas de trabalho	-.02	-.00	.17**	–								
5. Satisfação parental	.04	.08	.20**	.09	–							
6. Eficácia parental	.07	.02	-.09	-.00	.34***	–						
7. Satisfação com amigos	.01	.02	.06	.05	.41***	.26***	–					
8. Intimidade	-.03	-.04	.09	.11*	.43***	.18***	.70***	–				
9. Satisfação com família	.05	.04	.01	-.16**	.17***	.17**	.46***	.44***	–			
10. Atividades sociais	.04	.05	-.04	.00	.20***	.14**	.64***	.54***	.67***	–		
11. Estilo autoritativo	-.01	-.02	.12**	-.04	.24***	.30***	.12*	.12*	.06	.13*	–	
12. Estilo autoritário	-.04	-.01	-.16**	-.01	-.39***	-.16**	-.20***	-.17***	-.09	-.11*	-.18***	–
<i>M</i>	–	55.86	14.82	38.36	4.70	4.64	3.78	3.77	3.83	3.65	4.03	1.64
<i>DP</i>	–	11.81	3.34	6.09	.88	.61	.79	.79	.82	.90	.41	.35

Nota. *M* = Média, *DP* = Desvio Padrão; * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Quadro 2. Estatísticas e correlações bivariadas entre as variáveis analisadas para o pai (N = 279).

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1. Sexo/criança (1 = rapariga)	–											
2. Idade da criança (meses)	–	–										
3. Habilitações (anos)	-.01	.05	–									
4. Horas de trabalho	-.01	.02	.20***	–								
5. Satisfação parental	.10	.04	.16**	.08	–							
6. Eficácia parental	.02	.00	-.17**	-.03	.31***	–						
7. Satisfação com amigos	.00	-.05	.07	.07	.40***	.18**	–					
8. Intimidade	-.03	-.08	.07	.13*	.34***	.06	.67***	–				
9. Satisfação com família	-.04	.02	.00	-.08	.25***	.27***	.47***	.41***	–			
10. Atividades sociais	-.14*	.06	-.02	-.02	.23***	.14*	.63***	.52***	.62***	–		
11. Estilo autoritativo	-.02	-.04	.00	.00	.14*	.26***	.14*	.07	.15*	.06	–	
12. Estilo autoritário	-.04	.01	.00	.00	-.29***	-.13*	-.20***	-.17**	-.11	-.07	-.16**	–
M	–	55.18	13.36	4.98	4.75	4.55	3.78	3.82	3.81	3.75	3.85	1.67
DP	–	11.44	3.57	5.66	.84	.63	.76	.73	.77	.79	.42	.40

Nota. M = Média, DP = Desvio Padrão; * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

4.2. O papel moderador da satisfação materna com o suporte social

4.2.1. Preditor focal: Satisfação parental

Os resultados das análises de moderação com a satisfação parental como preditor focal (Quadro 3) revelaram um efeito de moderação significativo da satisfação com os amigos e da intimidade na associação entre a satisfação parental e o estilo autoritativo.

Quadro 3. Resultados não estandardizados dos modelos de moderação da satisfação com os amigos e intimidade na associação entre satisfação parental e estilo autoritativo.

Preditores	Estilo autoritativo			R^2
	<i>B</i>	<i>EP</i>	IC 95%	
<i>Moderador: Satisfação com os amigos</i>				
Satisfação parental	.047	.028	-.008, .102	.141***
Satisfação com os amigos	-.012	.029	-.069, .044	
<i>Termo de interação</i>	-.062*	.029	-.118, -.006	
Eficácia parental	.187***	.037	.116, .259	
Sexo (criança)	.028	.041	-.053, .109	
Idade (criança)	-.008	.021	-.049, .033	
Habilitações literárias	.017**	.006	.005, .030	
Horas de trabalho	-.002	.001	-.005, .001	
<i>Moderador: Intimidade</i>				
Satisfação parental	.031	.028	-.024, .087	.16***
Intimidade	.011	.029	-.045, .067	
<i>Termo de interação</i>	-.104***	.029	-.160, -.048	
Eficácia parental	.175***	.036	.105, .246	
Sexo (criança)	.036	.041	-.045, .116	
Idade (criança)	.001	.021	-.040, .042	
Habilitações literárias	.017**	.006	.004, .029	
Horas de trabalho	-.002	.001	-.004, .001	

Nota. *B* = Estimativas não estandardizadas; *EP* = Erro Padrão; *IC* = Intervalo de Confiança;

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Para fins descritivos, o efeito da satisfação parental no estilo autoritativo foi testado separadamente para os níveis baixo (i.e., um desvio-padrão abaixo da média), médio, e alto (i.e., um desvio-padrão acima da média) dos moderadores: satisfação com os amigos (Figura 1) e intimidade (Figura 2). Os testes de declive simples mostram uma associação positiva entre a satisfação parental e o estilo autoritativo, mas apenas para mães com níveis baixos de satisfação com os amigos ($B = .10$, $SE = .03$, $p = .003$, 95% CI: .034, .158) (Figura 2) e de intimidade ($B = .11$, $SE = .03$, $p < .001$, 95% CI: .051, .175) (Figura 3).

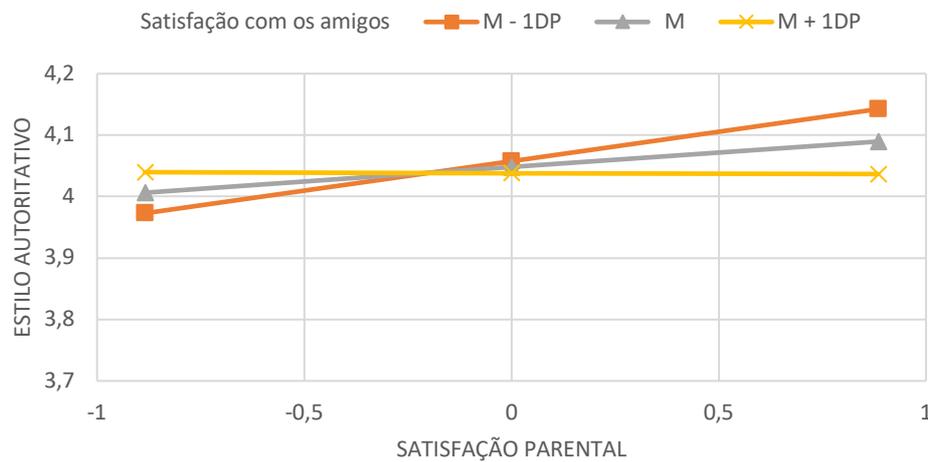


Figura 1. Estilo autoritativo em função da satisfação parental (competência parental) e da satisfação com os amigos (suporte social).

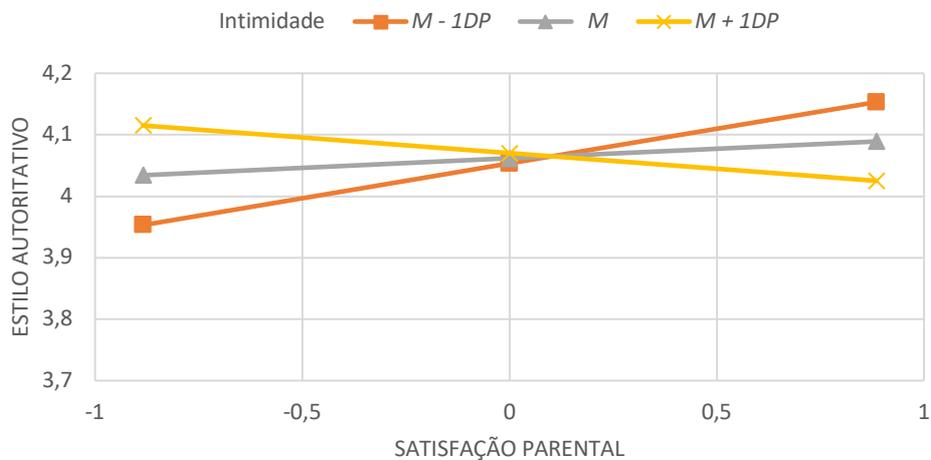


Figure 2. Estilo autoritativo em função da satisfação parental (competência parental) e da intimidade (suporte social).

Como se pode observar nas Figuras 1 e 2, para as mães com níveis médios e altos de satisfação com os amigos e de intimidade, o estilo autoritativo não varia significativamente em função da satisfação parental. Contudo, quando a satisfação parental é baixa, as mães com níveis mais baixos de satisfação com os amigos e de intimidade relatam níveis mais baixos de estilo autoritativo.

Os resultados revelaram, também, efeitos positivos significativos da eficácia parental e das habilitações maternas, indicando que mães com valores de eficácia parental mais elevados e com mais habilitações literárias reportam níveis mais elevados de estilo autoritativo. Estes efeitos foram observados nos quatro modelos em que se testou o papel moderador da satisfação com o suporte social na relação entre a satisfação parental e o estilo autoritativo das mães.

Quanto ao estilo autoritário, os resultados das análises não revelaram um papel moderador significativo de nenhuma das dimensões de satisfação com o suporte social. Contudo, os resultados revelaram um efeito principal negativo significativo da satisfação

parental nos modelos que testaram o papel moderador da satisfação com os amigos e com a intimidade ($B = -.14, p < .001$), indicando que, independentemente dos níveis de satisfação com os amigos e com a intimidade, em qualquer das suas dimensões, as mães com um nível mais elevado de satisfação parental reportam níveis mais baixos de estilo autoritário.

4.2.2. Preditor focal: Eficácia parental

Nos modelos com a eficácia parental como preditor focal, os resultados relativos ao estilo autoritativo não revelaram qualquer efeito de moderação de nenhuma dimensão da satisfação das mães com o suporte social. No entanto, os resultados mostraram, em todos os modelos, um efeito principal significativo da eficácia parental ($B = .18/.19, p < .001$), indicando que, independentemente da satisfação com o suporte social em qualquer das suas dimensões, as mães com uma percepção de eficácia parental mais elevada reportam níveis mais elevados de estilo autoritativo. Os resultados indicam, também, efeitos positivos e significativos da satisfação parental ($B = .06, p < .05$), e das habilitações das mães ($B = .02, p < .05$). Ou seja, as mães com um sentimento de satisfação parental mais elevado e com habilitações mais elevadas, reportam níveis mais elevados de estilo autoritativo.

Relativamente ao estilo autoritário, os resultados não indicam quaisquer efeitos de moderação. Contudo, em todos os modelos foi observado um efeito negativo significativo da satisfação parental ($B = -.15/-.16, p < .001$) e das habilitações literárias ($B = -.01, p < .05$), indicando que mães que reportam maior satisfação parental, e que possuem mais habilitações reportam níveis mais baixos de estilo autoritário.

4.3. O papel moderador da satisfação paterna com o suporte social

4.3.1. Preditor focal: Satisfação parental

Relativamente ao estilo autoritativo, os resultados das análises com a satisfação parental como preditor focal não revelaram nenhum efeito de moderação da satisfação do pai com o suporte social em nenhuma das dimensões avaliadas. Considerando os efeitos concorrentes de todos os preditores incluídos nas análises, os resultados revelaram apenas um efeito positivo significativo da eficácia parental ($B = .16, p < .001$), indicando que os pais com uma perceção mais elevada neste domínio reportam níveis mais elevados de estilo autoritativo.

Quanto ao estilo autoritário, os resultados das análises, também, não revelaram efeitos de moderação de nenhuma dimensão da satisfação com o suporte social. Contudo, os resultados mostraram efeitos principais negativos da satisfação parental em todos os modelos ($B = -.12/-.13, p < .001$), indicando que, independentemente da satisfação com o suporte social, os pais com uma perceção mais elevada de satisfação parental reportaram níveis mais baixos de estilo autoritário.

4.3.2. Preditor Focal: Eficácia parental

Os resultados das análises de moderação com a eficácia parental como preditor focal (Quadro 4) revelaram um efeito de moderação significativo da satisfação com os amigos na associação entre eficácia parental e o estilo autoritativo.

Quadro 4. Resultados não estandardizados dos modelos de moderação da satisfação com o suporte parental na associação entre eficácia parental e estilo autoritativo.

Preditores	Estilo autoritativo			
	<i>B</i>	<i>EP</i>	IC 95%	R2
<i>Moderador: Satisfação com os amigos</i>				
Eficácia parental	.160***	.041	.079, .241	.106***
Satisfação com os amigos	.028	.035	-.040, .097	

<i>Termo de interação</i>	-.110*	.045	-.198, -.022
Eficácia parental	.026	.033	-.039, .092
Sexo (criança)	-.040	.048	-.135, .056
Idade (criança)	-.014	.025	-.063, .035
Nível de educação	.006	.007	-.008, .020
Horas de trabalho	-.001	.002	-.005, .003

Nota. *B* = Estimativas não estandardizadas; *EP* = Erro Padrão; *IC* = Intervalo de Confiança;

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Para fins descritivos, o efeito da percepção dos pais acerca da sua eficácia parental no estilo autoritativo foi testado separadamente para os níveis baixo (i.e., um desvio-padrão abaixo da média), médio, e elevado (i.e., um desvio-padrão acima da média) da satisfação com os amigos (Figura 3). Os testes de declive simples revelam o papel preditor da eficácia parental no estilo autoritativo, mas apenas para os pais com níveis baixos ($B = .24$, $SE = .05$, $p < .001$, 95% *CI*: .138, .350), e médios de satisfação com os amigos ($B = .16$, $SE = .04$, $p < .001$, 95% *CI*: .079, .241).

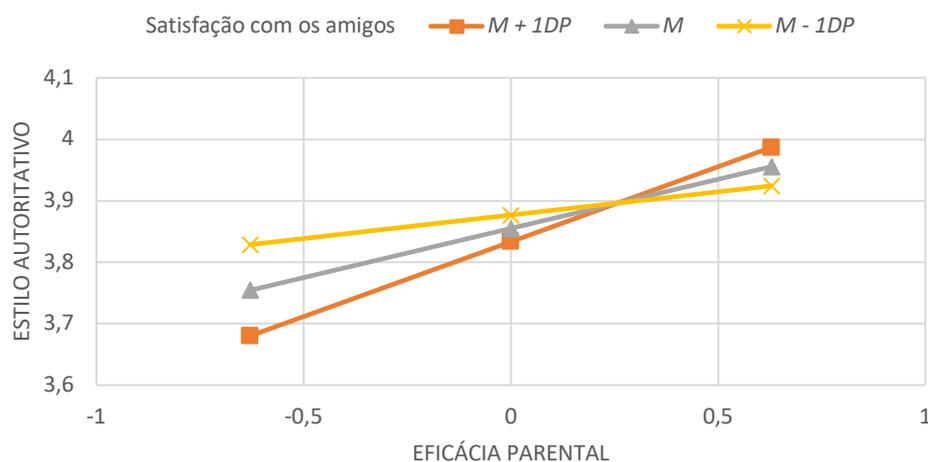


Figura 3. Estilo autoritativo em função da eficácia parental (competência parental) e da satisfação com os amigos (suporte social).

Como se pode observar na Figura 3, para os pais com níveis elevados de satisfação com os amigos, o estilo autoritativo não varia significativamente em função da eficácia parental. Contudo, quando a eficácia parental é baixa, os pais com níveis baixos e médios de satisfação com os amigos reportam níveis significativamente inferiores de estilo autoritativo. Para além deste efeito de moderação, os resultados revelaram, ainda, um efeito principal da eficácia parental no estilo autoritativo em todos os modelos ($B = .16/.17, p < .001$), indicando que quanto maior a perceção de eficácia parental, maior o nível de estilo autoritativo dos pais.

Quanto ao estilo autoritário, não se verificam efeitos de moderação de nenhuma das dimensões de satisfação com o suporte social. Observou-se, no entanto, um efeito negativo da perceção de satisfação parental em todos os modelos ($B = -.12/-.13/-.14, p < .001$), independentemente da satisfação com o suporte social, os pais com uma maior perceção de satisfação parental reportam níveis mais baixos de estilo autoritário.

5. Discussão

Embora a parentalidade inclua mãe e pai, dada a centralidade da figura materna como cuidadora primária, o pai tem sido, com frequência, relegado para segundo plano neste domínio de estudo (e.g., Cabrera et al., 2018). Visando contribuir para minimizar esta lacuna, o presente estudo focou-se na qualidade da parentalidade de mãe e pai (estilos parentais), tendo como objetivo analisar diferentes níveis de determinantes: características individuais de ambos os cuidadores (eficácia e satisfação parental) e variáveis contextuais (satisfação com o suporte social) (e.g., Belsky, 1984). Especificamente, testou-se o papel protector da satisfação com o suporte social na associação entre eficácia e satisfação parental e os estilos parentais de mães e pais, com crianças em idade pré-escolar, sugerindo a importância deste recurso contextual para a parentalidade.

Relativamente às mães, os resultados indicam apenas o papel moderador do suporte social – satisfação com os amigos e intimidade – na associação entre a satisfação parental e estilo autoritativo. Se para mães com níveis médios e altos de satisfação com os amigos e intimidade, o seu estilo autoritativo não varia significativamente em função da sua perceção de satisfação parental, quando a satisfação parental é baixa, as mães com níveis mais baixos de satisfação com os amigos e de intimidade relatam níveis mais baixos de um estilo autoritativo. Para os pais os resultados evidenciam apenas o papel do suporte social – satisfação com os amigos – na associação entre a eficácia parental e o estilo autoritativo. Especificamente, para os pais com níveis elevados de satisfação com os amigos, o estilo autoritativo não varia significativamente em função da eficácia parental. Contudo, quando esta é baixa, os pais com níveis baixos e médios de satisfação com os amigos reportam níveis significativamente inferiores de um estilo autoritativo.

Estes resultados indicam que o suporte social poderá funcionar como fator protetor da parentalidade (e.g., Belsky, 1984), particularmente de um estilo autoritativo – caracterizado pela afetividade, responsividade, mas também exigência adequada às características e competências desenvolvimentais da criança (e.g., Lippold et al., 2017; Taylor et al., 2015). No entanto, encontram-se diferenças para mães e pais. No caso das mães, tal verifica-se na dimensão afetiva - quando se sentem menos satisfeitas com o seu papel parental, e para os pais na dimensão cognitiva - quando se percecionam como menos eficazes, ou seja, como tendo menos conhecimentos sobre comportamentos parentais adequados, confiança e persistência para os implementar, face aos diversos desafios que vão emergindo no dia-a-dia (e.g., Jones & Prinz, 2005). Estas diferenças poderão estar relacionadas, em parte, com as diferentes expectativas associadas aos papéis de género, com os múltiplos papéis desempenhados pelas mulheres, mas também com as maiores expectativas face ao pai enquanto figura cuidadora (Cabrera et al., 2014; Wall et

al., 2016).

Nesta amostra, o suporte dos amigos parece assumir particular importância para a qualidade da parentalidade, atenuando os possíveis efeitos negativos que uma baixa percepção de eficácia, para os pais, e baixa satisfação parental, para as mães, possam ter nos seus estilos e práticas parentais. A satisfação com este tipo de suporte poderá ter impacto no seu bem-estar, ou na aquisição de conhecimentos, competências, e apoio instrumental, contribuindo para reduzir os níveis de stress parental, o que por sua vez, promove a percepção da competência parental (e.g., Love & Knott, 2018; Suzuki, 2010). Apenas para as mães, a dimensão intimidade parece exercer impacto na sua parentalidade, em particular, quando se sentem menos satisfeitas no seu papel como mãe. Os itens desta dimensão remetem para a possibilidade de partilha do eu, e para o apoio necessário em situações de maior desconforto e adversidade. Na idade adulta, uma dessas fontes de suporte é com frequência o parceiro amoroso/cônjuge (e.g., Collins & Feeney, 2000), sendo que a falta deste suporte se repercute nos níveis de stress parental, com implicações negativas para a parentalidade (e.g., Suzuki, 2010).

Os resultados indicam, ainda, efeitos principais de ambas as dimensões da percepção de competência parental de mães e pais, independentemente da satisfação com o suporte social, mas algo distintos. Quer para a mãe, quer para o pai, uma percepção de maior eficácia encontra-se associada a níveis mais elevados de um estilo autoritativo, e uma percepção de maior satisfação parental encontra-se associada a níveis mais baixos de um estilo autoritário. Estes resultados parecem indicar que a autoeficácia parental poderá ser preditora sobretudo de estilos e práticas parentais mais ajustadas, resultado que vai ao encontro da literatura (e.g., Coleman & Karraker, 1997; Gilmore & Cuskelly, 2008; Jones & Prinz, 2005). Se estas crenças (vistas como dinâmicas) dos cuidadores sobre a sua capacidade de influenciar a criança e o contexto positivamente, orientando-a para o

sucesso (Ardelt & Eccles, 2001), são importantes ao longo da parentalidade, poderão ser, ainda, mais relevantes em momentos desenvolvimentais que envolvam desafios e.g., relacionados com socialização de normas (e.g., Sander & Woolley, 2005). Por outro lado, a satisfação parental tem sido negativamente relacionada com práticas de disciplina disfuncionais e coercivas (Rogers & Mathews, 2004), e com os estados emocionais negativos, apontados na literatura como preditores de práticas hostis e disruptivas (Rueger et al., 2011).

Refira-se, ainda, os efeitos das habilitações maternas (número de anos de educação), mas não paternas, na parentalidade. Diversos estudos reportam associações entre o grau de escolaridade das mães e práticas parentais ajustadas, responsivas e menos punitivas (e.g., Hadjicharalambous & Demetriou, 2020; Lugo-Gil & Tamis-LeMonda, 2008). Tal pode ser, em parte, explicado pelo facto de as mães terem acesso a mais recursos e informação relativa às necessidades desenvolvimentais dos filhos (e.g., Jacobs & Kelley, 2006), estando a escolaridade, ainda, frequentemente associada a outros recursos na família como a estrutura familiar e instabilidade económica (Erola et al., 2016; Jackson et al., 2017; McInanahan & Percheski, 2008).

Por fim, as autoras gostariam de indicar algumas limitações do estudo, nomeadamente, o facto de utilizar uma amostra que, apesar de grande e incluir mães e pais, é de conveniência. O delineamento é transversal, não permitindo testar, por exemplo, se em termos dos diferentes momentos e tarefas da parentalidade, a satisfação com o suporte social assume efeitos distintos. Refira-se, ainda, que apenas foram utilizadas medidas de autorrelato, sendo importante, em estudos futuros, integrar outras metodologias, como a observação dos comportamentos parentais. A medida utilizada de suporte social deverá ser repensada, no sentido de se identificar figuras específicas, por exemplo, no domínio familiar (cônjuge, mãe/pai das figuras parentais). Por outro lado, há

que considerar o papel do suporte social formal (e.g., escola/educadores/as) como fonte de apoio aos pais, pensando em particular nos primeiros anos de vida. O questionário sociodemográfico utilizado apresentava uma questão relativa ao rendimento familiar, no entanto, a percentagem de respostas foi reduzida, o que não permitiu a inclusão desta informação nas análises. Uma maior variabilidade socioeconómica, cultural e da tipologia de famílias analisadas, será desejável em estudos futuros.

5.1. Implicações para a prática

Apesar das limitações indicadas, os resultados obtidos são um contributo no sentido de informar intervenções, baseadas na evidência, com mães e pais, considerando a importância dos diferentes recursos individuais e contextuais de proteção, que contribuem para uma parentalidade ajustada. Tal assume particular relevância nos primeiros anos de vida descritos, de modo consistente, na literatura como fundamentais para um desenvolvimento saudável de crianças e jovens (e.g., Sroufe, 2005; UNICEF, 2022).

Sugere-se que tais intervenções devam incluir estratégias que visem promover e reforçar o papel das diferentes relações estabelecidas dentro e fora do sistema familiar. A promoção do suporte social das famílias tem-se focado sobretudo no suporte social formal, seja através do apoio e acompanhamento de profissionais, seja através de grupos de suporte (e.g., grupos de pais; Byrne et al., 2012). No entanto, as redes de suporte informal parecem assumir especial importância na parentalidade (Love & Knott, 2018). Assim, as intervenções com pais devem contribuir para o desenvolvimento de competências interpessoais que promovam a construção e manutenção de relações significativas positivas, reconhecidas como uma importante fonte de bem-estar e suporte (Grych et al., 2015). Intervenções que promovam a relação de co-parentalidade (e.g., Feinberg et al., 2009), caracterizada por suporte e cooperação entre os cuidadores, serão

fundamentais, dado o seu impacto no ajustamento dos adultos, na qualidade da parentalidade e nos resultados desenvolvimentais da criança.

Por outro lado, os resultados deste estudo informam acerca da importância de intervenções, que não se foquem apenas em mudanças de comportamentos evidentes, mas também, na confiança dos cuidadores para gerir efetivamente os desafios associados às diferentes etapas da parentalidade, não esquecendo a importância do domínio afetivo. Indicam, ainda, as potenciais especificidades de mães e pais, na promoção de uma parentalidade positiva e na proteção face a uma parentalidade de risco, evitando o negligenciar do pai, muitas vezes esquecido, ou minimizado, na prática (e.g., Cabrera et al., 2018).

Referências

- Angley, M., Divney, A., Magriples, U., & Kershaw, T. (2015). Social support, family functioning and parenting competence in adolescent parents. *Maternal and child health journal, 19*(1), 67-73. <https://doi.org/10.1007/s10995-014-1496-x>
- Ardelt, M., & Eccles, J. S. (2001). Effects of mothers' parental efficacy beliefs and promotive parenting strategies on inner-city youth. *Journal of family issues, 22*(8), 944-972. <https://doi.org/10.1177/019251301022008001>
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. W. H. Freeman/Times Books/ Henry Holt & Co.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child development, 37*(4), 887-907. <https://doi.org/10.2307/1126611>
- Baumrind, D. (1967). Childcare practices anteceding three patterns of pre-school behaviour. *Genetic psychology monographs, 75*(1), 43-88.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental psychology monograph, 4*(1), 1-103. <https://doi.org/10.1037/h0030372>

- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child development*, 55(1) 83-96. <https://doi.org/10.2307/1129836>
- Belsky, J. & Jaffee, S. R. (2015). The Multiple Determinants of Parenting. In D. Cicchetti, D. J. Cohen (Eds.), *Developmental Psychopathology* (pp. 38–85). <https://doi.org/10.1002/9780470939406.ch2>
- Byrne, S., Rodrigo, M. J., & Martín, J. C. (2012). Influence of form and timing of social support on parental outcomes of a child-maltreatment prevention program. *Children and youth services review*, 34(12), 2495-2503. <http://doi.org/10.1016/j.childyouth.2012.09.016>
- Cabrera, N. J., Volling, B. L., & Barr, R. (2018). Fathers are parents, too! Widening the lens on parenting for children's development. *Child development perspectives*, 12(3), 152–157. <https://doi.org/10.1111/cdep.12275>
- Chang, Y. E. (2017). Pathways from mothers' early social support to children's language development at age 3. *Infant and child development*, 26(6), Article e2025. <https://doi.org/10.1002/icd.2025>
- Coleman, P. K., & Karraker, K. H. (1997). Self-efficacy and parenting quality: Findings and future applications. *Developmental review*, 18(1), 47-85. <https://doi.org/10.1006/drev.1997.0448>
- Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2000). A safe haven: An attachment theory perspective on support seeking and caregiving in intimate relationships. *Journal of personality and social psychology*, 78(6), 1053–1073. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.78.6.1053>
- Cramer, D., Henderson, S., & Scott, R. (1997). Mental health and desired social support: A four-wave panel study. *Journal of social and personal relationships*, 14(6), 761-775. <https://doi.org/10.1177/0265407597146003>

- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological bulletin*, *113*(3), 487-496. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>
- Erola, J., Jalonen, S., & Lehti, H. (2016). Parental education, class and income over early life course and children's achievement. *Research in social stratification and mobility*, *44*, 33–43. <https://doi.org/10.1016/j.rssm.2016.01.003>
- Feinberg, M. E., Kan, M. L., & Goslin, M. C. (2009). Enhancing coparenting, parenting, and child self-regulation: Effects of family foundations 1 year after birth. *Prevention science*, *10*(3), 276-285. <https://doi.org/10.1007/s11121-009-0130-4>
- Ferreira, B., Veríssimo, M., Santos, A. J., Fernandes, C., & Cardoso, J. (2011). Escala de sentimento de competência parental: Análise confirmatória do modelo de medida numa amostra de pais portugueses. *Laboratório de psicologia*, *9*(2), 147-155. <https://doi.org/10.14417/lp.630>
- Gilmore, L., & Cuskelly, M. (2008). Factor structure of the parenting sense of competence scale using a normative sample. *Child: Care, health and development*, *35*(1), 48-55. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2214.2008.00867.x>
- Grych, J., Hamby, S., & Banyard, V. (2015). The resilience portfolio model: Understanding healthy adaptation in victims of violence. *Psychology of violence*, *5*(4), 343-354. <https://doi.org/10.1037/a0039671>
- Gutman, L. M., & Feinstein, L. (2010). Parenting behaviours and children's development from infancy to early childhood: Changes, continuities and contributions. *Early child development and care*, *180*(4), 535-556. <https://doi.org/10.1080/03004430802113042>
- Haber, M. G., Cohen, J. L., Lucas, T., & Baltes, B. B. (2007). The relationship between self-reported received and

- perceived social support: A meta-analytic review. *American journal of community psychology*, 39(1), 133-144. <https://doi.org/10.1007/s10464-007-9100-9>
- Hadjicharalambous, D., & Demetriou, L. (2020). The relationship between parents' demographic factors and parenting styles: Effects on children's psychological adjustment. *Psychology research*, 10(4), 125-139. <https://doi.org/10.17265/2159-5542/2020.04.001>
- Hayes, A. F. (2017). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach*. New York: Guilford publications.
- Holloway, S. D., Suzuki, S., Yamamoto Y., & Behrens K. Y. (2005). Parenting self-efficacy among Japanese mothers. *Journal of comparative family studies*, 36(1), 61–76. <https://doi.org/10.3138/jcfs.36.1.61>
- Jackson, M. I., Kiernan, K., & McLanahan, S. (2017). Maternal education, changing family circumstances, and children's skill development in the United States and UK. *The ANNALS of the American academy of political and social science*, 674(1), 59–84. <https://doi.org/10.1177/0002716217729471>
- Jacobs, J. N., & Kelley, M. L. (2006). Predictors of paternal involvement in childcare in dual-earner families with young children. *Fathering: A journal of theory, research, and practice about men as fathers*, 4(1), 23-47. <https://doi.org/10.3149/fth.0401.23>
- Johnston, C., & Mash, E. J. (1989). A measure of parenting satisfaction and efficacy. *Journal of clinical child psychology*, 18(2), 167-175. https://doi.org/10.1207/s15374424jccp1802_8
- Jones, T. L., & Prinz, R. J. (2005). Potential roles of parental self-efficacy in parent and child adjustment: A review. *Clinical psychology review*, 25(3), 341-363. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2004.12.004>

- Lippold, M. A., Glatz, T., Fosco, G. M., & Feinberg, M. E. (2017). Parental perceived control and social support: Linkages to change in parenting behaviors during early adolescence. *Family process*, 57(2), 432-447. <https://doi.org/10.1111/famp.12283>
- Love, S. M., & Knott, T. (2018). Social support and relationships with family and friends. In M. R. Sanders & A. Morawska (Eds.), *Handbook of parenting and child development across the lifespan* (pp. 441-468). Springer.
- Lugo-Gil, J., & Tamis-LeMonda, C. S. (2008). Family resources and parenting quality: Links to children's cognitive development across the first 3 years. *Child development*, 79(4), 1065-1085. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2008.01176.x>
- McConnell, D., Breitzkreuz, R., & Savage, A. (2011). From financial hardship to child difficulties: Main and moderating effects of perceived social support. *Child: Care, health and development*, 37(5), 679-691. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2214.2010.01185.x>
- Mclanahan, S., & Percheski, C. (2008). Family structure and the reproduction of inequalities. *Annual review of sociology*, 34(1), 257-276. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.34.040507.134549>
- Monteiro, L., Fernandes, M., Torres, N., & Santos, C. (2017). Father's involvement and parenting styles in Portuguese families. The role of education and working hours. *Análise psicológica*, 35(4), 513-528. <https://doi.org/10.14417/ap.1451>
- Nunnally, J. C., & Bernstein, I. R. (1994). *Psychometric theory* (3rd ed.). McGraw-Hill, New York.
- Ohan, J. L., Leung, D. W., & Johnston, C. (2000). The parenting sense of competence scale: Evidence of a stable factor structure and validity. *Canadian journal of*

- behavioural science/Revue Canadienne des sciences du comportement*, 32(4), 251-261. <https://doi.org/10.1037/h0087122>
- Östberg, M., & Hagekull, B. (2000). A structural modeling approach to the understanding of parenting stress. *Journal of clinical child psychology*, 29(4), 615-625. https://doi.org/10.1207/S15374424JCCP2904_13
- Pais-Ribeiro, J. L. (1999). Escala de satisfação com o suporte social (ESSS). *Análise Psicológica*, 3(XVII), 547-558.
- Pais-Ribeiro, J. L. (2011). Escala de satisfação com o suporte social (1ª ed.). Lisboa: Placebo, Editora LDA.
- Pallant, J. (2020). *SPSS Survival Manual: A Step by Step Guide to Data Analysis Using IBM SPSS* (7th ed.). London: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003117452>
- Pedro, M. F., Carapito, E., & Ribeiro, T. (2015). Parenting styles and dimensions questionnaire-the portuguese self-report version. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 28(2), 302-312. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528210>
- Pinquart, M. (2016). Associations of parenting styles and dimensions with academic achievement in children and adolescents: A meta-analysis. *Educational psychology review*, 28(3), 475–493. <https://doi.org/10.1007/s10648-015-9338-y>
- Pinquart, M. (2017a). Associations of parenting dimensions and styles with internalizing symptoms in children and adolescents: A meta-analysis. *Marriage & family review*, 53(7), 613-640. <https://doi.org/10.1080/01494929.2016.1247761>
- Pinquart, M. (2017b). Associations of parenting dimensions and styles with externalizing problems of children and adolescents: An updated meta-analysis. *Developmental psychology*, 53(5), 873-932. <https://doi.org/10.1037/dev0000295>
- Pinquart, M., & Kauser, R. (2018). Do the associations of parenting styles with behavior problems and academic achievement vary by culture? Results from a meta-

- analysis. *Cultural diversity and ethnic minority psychology*, 24(1), 75-100.
<https://doi.org/10.1037/cdp0000149>
- Pleck, J. H., & Masciadrelli, B. P. (2004). Paternal involvement by US residential fathers: Levels, sources, and consequences. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 222–271). John Wiley & Sons Inc.
- Robinson, C., Mandleco, B., Olsen, S., & Hart, C. (2001). The parenting styles and dimensions questionnaire (PSDQ). In B. F. Perlmutter, J. Touliatos, & G. W. Holden (Eds.), *Handbook of family measurement techniques: Vol. 3. Instruments & Index* (pp. 319-321). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Rogers, H., & Matthews, J. (2004). The parenting sense of competence scale: Investigation of the factor structure, reliability, and validity for an Australian sample. *Australian psychologist*, 39(1), 88-96.
<https://doi.org/10.1080/00050060410001660380>
- Rueger, S. Y., Katz, R. L., Risser, H. J., & Lovejoy, M. C. (2011). Relations between parental affect and parenting behaviors: A meta-analytic review. *Parenting: Science and practice*, 11(1), 1-33. <https://doi.org/10.1080/15295192.2011.539503>
- Sanders, M. R., & Woolley, M. L. (2005). The relationship between maternal self-efficacy and parenting practices: Implications for parent training. *Child: Care, health and development*, 31(1), 65-73. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2214.2005.00487.x>
- Sarason, B. R., Pierce, G. R., Bannerman, A., & Sarason, I. G. (1993). Investigating the antecedents of perceived social support: Parents' views of and behavior toward their children. *Journal of personality and social psychology*, 65(5), 1071-1085.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.65.5.1071>

- Sroufe, L. A., Egeland, B., Carlson, E., & Collins, W. A. (2005). *The Development of the Person: The Minnesota Study of Risk and Adaptation from Birth to Adulthood*. New York: Guilford Publications.
- Stith, S. M., Liu, T. L., Davies, C., Boykin, E. L., Alder, M. C., Harris, J. M., Som, A., McPherson, M., & Dees, J. (2009). Risk factors in child maltreatment: A meta-analytic review of the literature. *Aggression and violent behavior, 14*(1), 13–29. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2006.03.006>
- Summers, J. A., Boller, K., & Raikes, H. (2004). Preferences and perceptions about getting support expressed by low-income fathers. *Fathering: A journal of theory, research, and practice about men as fathers, 2*(1), 61–82. <https://doi.org/10.3149/fth.0201.61>
- Suzuki, S. (2010). The effects of marital support, social network support, and parenting stress on parenting: Self-efficacy among mothers of young children in Japan. *Journal of early childhood research, 8*(1), 40-66. <https://doi.org/10.1177/1476718X09345506>
- Taylor, Z. E., Conger, R. D., Robins, R. W., & Widaman, K. F. (2015). Parenting practices and perceived social support: Longitudinal relations with the social competence of Mexican-origin children. *Journal of Latina/o psychology, 3*(4), 193-208. <https://doi.org/10.1037/lat0000038>
- Teti, D. M., & Gelfand, D. M. (1991) Behavioral competence among mothers of infants in the first year: The mediational role of maternal self-efficacy. *Child development, 62*(5), 918–929. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1991.tb01580.x>
- United Nations Children’s Fund (2022, August 3). *Early childhood development*. <https://www.unicef.org/early-childhood-development>

- Verhoeven, M., van Baar, A. L., & Deković, M. (2019). Parenting Toddlers. In Marc H. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting Volume I: Children and Parenting*. Routledge.
- Wall, K., Cunha, V., Atalaia, S., Rodrigues, L., Correia, R., Correia, S. V., & Rosa, R. (2016). Livro branco: Homens e igualdade de género em Portugal. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais/Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/26649>
- Wittkowski, A., Garrett, C., Calam, R., & Weisberg, D. (2017). Self-report measures of parental self-efficacy: A systematic review of the current literature. *Journal of child and family studies*, 26(11), 2960-2978. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0830-5>.
- Yaffe, Y. (2020). Systematic review of the differences between mothers and fathers in parenting styles and practices. *Current psychology*, 1-14. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-01014-6>